

GRAÇAS DO
PADRE CRUZ SI

PRECES PARA UMA NOVENA



Deus infinitamente misericordioso que descestes do Céu à terra para ser a salvação e o modelo de todos os homens; Vós que dis-sestes: Pedi e receberéis, procurai e encontrareis, batei e abrir-se-vos-á, pelos méritos e intercessão do Vosso servo P. Cruz que, perfeito imitador Vosso, abrasado em caridade, passou igualmente pela terra a fazer bem: consolando os aflitos, socorrendo os necessitados, visitando os pobres e encarcerados e convertendo os pecadores.

Concedei-nos a graça de imitar as suas virtudes, principalmente o seu espírito de oração e união com Deus, o espírito de fé viva, de esperança firme e de amor ardente, a devoção filial à SS.ma Virgem, o zelo pela salvação das almas e o horror a tudo o que desgoste o divino Espírito Santo e nos torne menos dignos da Sagrada Comunhão. Concedei-nos em particular a graça de... se for para honra Vossa, para bem das nossas almas e glória do vosso Servo. Assim seja.

Pai Nosso, Avé Maria e Glória.

Bondoso Padre Cruz, rogai por nós!

Oração

Senhor Jesus Cristo, que dissestes: Se não vos tornardes como pequeninos, não entrareis no reino dos céus, olhai para a humildade e simplicidade com que o Vosso servo Francisco procurou a glória divina e o bem temporal e sobrenatural dos humildes, e dignai-Vos glorificar o Vosso discípulo fiel com a auréola da santidade, se isso for da Vossa maior glória.

Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

Assim seja.

Nota: Estas preces destinam-se a devoção particular.

Evite-se cuidadosamente tudo o que pareça culto público.



Índice :

Ano Santo da Misericórdia -

Quais são os efeitos da Misericórdia? pág. 35

O dever feliz de ser misericordioso pág. 38

Maio, o mês de Maria pág. 43

Santo Padre Cruz -

Santo Cura d'Ars Português pág. 48

O Padre Cruz e os Pastorinhos pág. 54

Morada para correspondência pág. 59

Deram Esmola e agradecem Graças pág. 60



Ano Santo da Misericórdia

Quais são os efeitos da Misericórdia?

Pode-se perceber os efeitos da misericórdia na vida do homem a partir de experiências práticas.

A Igreja Católica prepara um percurso de grande importância: a celebração do Ano Santo Extraordinário da Misericórdia, convocado pelo Papa Francisco. Trata-se de um momento especial, celebrado no âmbito das comunidades de fé, que deve ecoar em todo o mundo, para vencer as muitas violências – física e moral, a corrupção e também a permissividade que contracenam com a rigidez de grupos, alimentando fundamentalismos religiosos, políticos e culturais. A vivência desse tempo é oportunidade para tratar feridas que atingem a sociedade como um todo, inclusive a própria Igreja. O remédio para essas enfermidades é a prática da misericórdia.



A misericórdia não é sinal de fraqueza, é qualidade da onnipotência divina. A audaciosa convocação do Ano Santo da Misericórdia comprova a intuição singular do Papa Francisco no exercício da sua missão. É pelo caminho da misericórdia que a humanidade alcançará as mudanças e respostas que a contemporaneidade espera, com urgência.

Efeitos da misericórdia

O início do Ano Santo da Misericórdia será marcado pela abertura da Porta Santa em Roma, pelo Papa, no dia 8 de dezembro. Nas dioceses do mundo inteiro, no domingo seguinte, dia 13. Essa Porta será aberta para que qualquer pessoa possa entrar e experimentar o amor de Deus que perdoa, consola e dá esperança. Isso significa que a vivência da misericórdia permite regeneração e nova compreensão da vida, um olhar compassivo sobre a humanidade, na direção de cada pessoa. Torna efetiva a possibilidade de se alcançar novos sentimentos e um jeito de viver capazes de desenhar cenários na contramão da violência, da corrupção, da luta insana pelo poder e pelo lucro.

A experiência da misericórdia alimenta a esperança. Permite a compreensão lúcida da fraternidade e da solidariedade como pilares indispensáveis da sociedade. Bases que devem substituir a lógica perversa da economia que gera ganância, raiz de um “desenvolvimento” que recai como peso sobre os ombros de todos, particularmente dos pobres e indefesos. Para encontrar um rumo novo, todos são convocados a compreender que Deus é misericordioso, fonte da misericórdia. E Jesus Cristo é o rosto dessa misericórdia do Pai porque n’Ele, Jesus, a misericórdia se tornou viva, visível e chegou ao seu ápice. Esse é o mistério da fé cristã.

Ato último e supremo pelo qual Deus vem ao encontro de todo, ser cristão é, portanto, contemplar o mistério da misericórdia, revelado

por Jesus Cristo, fonte da alegria, da serenidade e da paz. Uma interpelação incidente, pois permite reconhecer que a misericórdia é o ato último e supremo pelo qual Deus vem ao encontro de todos. Pertinente é a indicação do Papa Francisco, quando sublinha que “a misericórdia é a lei fundamental que mora no coração de cada pessoa, quando vê com olhos sinceros o irmão que encontra no caminho da vida. Misericórdia é o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar da limitação de nosso pecado”.

Critério para reconhecer os verdadeiros filhos de Deus

Coluna mestra de sustentação da Igreja, a experiência da misericórdia é indispensável para conseguir respostas novas e transformadoras, diante dos desafios da atualidade. Sem o remédio da misericórdia, crescerão os fundamentalismos, não se controlará a intolerância, haverá sempre mais polarização de grupos políticos e religiosos, um contínuo desgaste da cultura da vida e da paz. Investir na misericórdia começa pela competência indispensável de perdoar, como Jesus indicou a Pedro, ao responder a sua pergunta a respeito de quantas vezes deve-se perdoar. O perdão é núcleo central do Evangelho e da autenticidade da fé cristã. Por isso, Jesus mostra que a misericórdia não é apenas o agir de Deus Pai, mas é o verdadeiro critério para reconhecer quem são os verdadeiros filhos de Deus.

O Ano da Misericórdia, experiência de fé na Igreja, com incidência na vida das famílias e comunidades, marcado por testemunhos, significativos gestos de reconciliação e perdão, é necessário para se alcançar nova etapa no cuidado das fraquezas e dificuldades dos irmãos. Um convite para que se busque a sabedoria da misericórdia. Em lugar de violência e disputas, que surja um tempo novo, pela força da misericórdia e da compaixão.



O dever feliz de ser misericordioso

A Bem-aventurança da Misericórdia

As bem-aventuranças são uma síntese da boa nova de Jesus, uma espécie de programa eleitoral para os que O quiserem escolher e seguir.

Mateus e Lucas transmitem-nos versões semelhantes do mesmo discurso programático da missão de Cristo. Em Mateus (5-7), vemos que «Jesus subiu a um monte», e «os discípulos aproximaram-se d'Ele» e «começou a ensiná-los». Desde Santo Agostinho, este discurso de Jesus passou a chamar-se «Sermão da montanha». Lucas apresenta um texto muito mais breve (6, 20-49), o chamado «Discurso da planície», pois Cristo «descendo com eles [os apóstolos], deteve-Se num sítio plano».

As palavras de Jesus são de grande radicalidade, sem concessões facilitistas. São proclamados felizes não os ricos e poderosos, os dominadores e de vida fácil, os que vivem no luxo e na luxúria. O programa original de Jesus proclama que a felicidade passa pela cruz da pobreza e das lágrimas, pelo amor puro e misericordioso, pela ascese de construir a paz e o bem, mesmo se alguém for perseguido pela causa da justiça. Os critérios do mundo sofrem uma revolução de 180° com a proclamação das bem-aventuranças de Jesus. Chesterton diz que a visão do mundo, segundo os critérios de Cristo, é a que teve o apóstolo Pedro, quando o crucificaram de cabeça para baixo: «um momento antes de morrer viu tudo ao contrário, mas viu-o tal como é verdadeiramente».

As situações de dificuldade e cruz não são um beco sem saída, uma «paixão inútil», mas podem/devem ser alavanca ou guindaste para uma vida de qualidade feliz. Assim foi com Cristo e conosco assim deve ser também.

Cristo nas bem-aventuranças, repetidamente, proclama felizes os que seguem o seu caminho original. Um autor, comentando o código ético das bem-aventuranças, afirma que «as promessas [de felicidade] se situam no futuro e a alegria por elas no presente». E o Doutor da Igreja S. Tomás de Aquino nota que «a esperança da bem-aventurança futura torna-nos aqui felizes». Nesta linha nos exorta S. Paulo: «Sede alegres na esperança» (Rm 12, 12). A felicidade que nos cabe viver e comunicar, aqui e agora, é um ensaio da felicidade plena no Céu, meta para onde peregrinamos.

Depois desta simples introdução às bem-aventuranças, passo a apresentar a bem-aventurança da misericórdia, proclamada por Cristo: «Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia» (Mt 5, 7). Assim parafraseio o ditado popular: misericórdia com misericórdia se paga. A misericórdia gera misericórdia. Como diz Jesus: «A medida que usardes com os outros será usada convosco» (Lc 6, 38). Santo Agostinho apresenta esta imagem sugestiva: «Estás como um mendigo à porta de Deus, mas à tua porta há outro mendigo. O que tu fizeres com o teu mendigo, isso fará Deus com o seu».

O ideal de misericórdia que Cristo nos propõe é imenso e altíssimo: «Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso» (Lc 6, 36). Quer dizer que temos que ser perpétuos peregrinos do santuário da divina misericórdia. Sempre a caminho de mais e melhor.

O conceito e a palavra «misericórdia» têm os seus opositores. Alguns julgam que a misericórdia é a tentativa de substituir a justiça pela mera compaixão. Na antiga União Soviética, o vocábulo «misericórdia» foi suprimido nos dicionários, por contrariar a ideologia marxista. Poderá a misericórdia ser mal entendida como mero sentimentalismo, sem obras que tornem o amor verdadeiro e operativo. Mas a justiça de Deus é o seu perdão misericordioso, real e eficaz. Na Bula deste Ano Jubilar, o Papa Francisco aborda «a relação entre justiça e misericórdia. Não são dois aspectos em contraste entre si, mas duas dimensões de uma única realidade que se desenvolve gradualmente até atingir o seu clímax na plenitude do amor». Nem justiça sem misericórdia, nem misericórdia sem justiça.



A misericórdia bem entendida não conduz à desresponsabilização, ao deixar correr: «Deixai fazer, deixai ir, deixai passar». Misericórdia deve ser compreensão na exigência do amor. Sem fazer saldos à qualidade da relação fraterna, ser indulgente sem radicalismos drásticos. «Uma forma de uma tal pseudomisericórdia muito debatida nos nossos dias consiste em proteger mais o autor do que a vítima em casos de injustiça. (...) Há que mencionar, sobretudo, o ponto de vista do *laissez faire*, que tudo tolera e consente. Começa quando os pais, por falsa misericórdia, cedem em tudo aos seus filhos. Esta mesma atitude errada acontece quando alguém, por aparente misericórdia, faz vista grossa em relação a uma conduta errada e pecaminosa em vez de exortar à conversão».

Na parábola do bom samaritano (Lc 10, 25-37), Jesus dá um exemplo prático da bem-aventurança da misericórdia. Sacerdote e levita preocuparam-se mais com a pureza legal do que com o ferido que clamava por ajuda, já «meio morto». O samaritano, estrangeiro e herético aos olhos dos judeus, é que «chegou ao pé dele e, vendo-o, encheu-se de compaixão», tratou-o e levou-o para uma estalagem, custeando as despesas. A misericórdia é uma compaixão ativa, uma solicitude operativa.

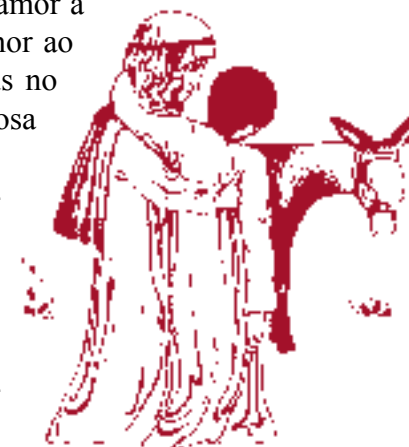
A misericórdia é exercício de fraternidade, em que eu assumo as necessidades dos outros como sendo minhas. Pela misericórdia manifesto a minha proximidade, afetiva e efetiva, com o meu próximo. Assim nos exorta S. Paulo: «Partilhai com os santos que passam necessidade; aproveitai todas as ocasiões para serdes hospitaleiros. (...) Alegrai-vos com os que se alegram, chorai com os que choram» (Rm 12, 13.15). Desculpas para não amar sempre as haverá. Cada um de nós conhece por experiência tentações semelhantes à do sacerdote e do levita da parábola do bom samaritano, pretendendo declarar longínquo o próximo que vive ao nosso lado e com quem nos cruzamos nos caminhos da vida quotidiana. Por isso, Santo Agostinho nos adverte: «Que ninguém diga: “Não sei o que devo amar”. Ame o irmão e amará o amor... Quem é que ama o amor senão aquele que ama com caridade? E esse alguém, partindo do que temos mais

perto de nós, é o nosso irmão». O amor a Deus não pode ser separado do amor ao próximo. A visão beatífica de Deus no Céu ensaia-se na visão misericordiosa de Deus na pessoa dos próximos.

O perdão é um capítulo fundamental do livro da misericórdia. O perdão é tão importante quanto difícil. Por isso Cristo tanto insistiu no cumprimento deste dever, humano e cristão, de perdoar sempre que for preciso, «setenta vezes sete» vezes (Mt 18, 22). No Pai-

-Nosso, a oração que o próprio Jesus nos ensinou, pedimos que Deus nos perdoe «assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido» (Mt 6, 12). É um pedido arriscado pois poderemos estar a suplicar a Deus que não nos perdoe ou que nos perdoe mal e contrafeito. Claro que o Senhor, que é «rico em misericórdia», nos perdoará com um coração transbordante de amor, sempre que nos abrirmos à oferta do seu perdão.

Perdoar é uma arte delicada e difícil, mas sumamente bela e feliz. «O perdão é um desafio maravilhoso, pois nos dá oportunidade de amarmos com um amor de qualidade superior. O perdão tem a magia de transformar uma dívida em prémio; uma bofetada em beijo; um espinho em rosa; uma ofensa em misericórdia. Não é preciso possuir dotes especiais para realizar estes prodígios. Simplesmente basta amar até ao fim, sem pôr fronteiras e condições. A obra-prima do amor é o perdão. Como diz um autor moderno, “o perdão é o dom perfeito: nele brilha a liberdade do amor” (François Varilo)». O Cristianismo é a religião da misericórdia que ousa perdoar. Como ensinou e como sempre fez Jesus, mesmo aos que O crucificavam: «Perdoa-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem» (Lc 23, 34). Perdoar é muito mais que um sacrifício, é uma bem-aventurança. A felicidade habita na casa do perdão.



Todos sabemos que a célula base de qualquer sociedade é a família. E a família é também a nossa primeira e fundamental escola de misericórdia e de perdão. Como recorda o Papa Francisco: «Não existe família perfeita, mas não devemos ter medo da imperfeição, das fragilidades e mesmo dos conflitos; é preciso aprender a enfrentá-los de modo construtivo. Por isso, a família que, com os próprios limites e pecados, se quer bem, torna-se uma escola de perdão)».

No passado dia 13 de maio, assim nos exortou o Papa Francisco, a partir de Roma, invocando a proteção da Mãe de Misericórdia: «Neste dia de Nossa Senhora de Fátima, convido-vos a multiplicar os gestos diários de veneração e imitação da Mãe de Deus. Confiai-Lhe tudo o que sois, tudo o que tendes; e assim conseguireis ser um instrumento da misericórdia e ternura de Deus para os vossos familiares, vizinhos e amigos».

São múltiplas as passagens da Palavra de Deus em que somos exortados a oferecer perdão e misericórdia, com qualidade amorosa. Cito apenas esta exortação de S. Paulo: «Como eleitos de Deus, santos e amados, revesti-vos, pois, de sentimentos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de paciência, suportando-vos uns aos outros e perdando-vos mutuamente, se alguém tiver razão de queixa contra outro. Tal como o Senhor vos perdoou, fazei-o vós também. E, acima de tudo isto, revesti-vos do amor, que é o laço da perfeição» (Cl 3, 12-14). Viver este programa é fazer com que o céu more na terra.

«Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia». Mas é claro que a misericórdia que Deus nos oferece, na nossa vida atual e mais ainda na eterna, é sempre numa medida desproporcionada aos nossos méritos. Como afirma um teólogo: «A nossa misericórdia não é a causa da misericórdia divina, mas unicamente a condição; do mesmo modo que levantar as persianas não é a causa, mas a condição, para que entre luz numa habitação (a causa é o sol). Por isso a bem-aventurança não diz: os misericordiosos “merecerão misericórdia”, mas “alcançarão misericórdia”.

P. Manuel Morujão SJ



Maio, o mês de Maria

Precisamos recorrer à Virgem sempre, mas especialmente no mês de Maio, mês desde há muitos séculos dedicado especialmente à Mãe de Deus.



I. A DEVOÇÃO À VIRGEM ATRAI A MISERICÓRDIA DIVINA.

“Mês de sol e de flores [...], mês de Maria, coroando o tempo pascal. O nosso pensamento vinha seguindo Jesus desde o Advento; agora que a paz, que é consequência da Ressurreição, reina no nosso coração, como não nos dirigirmos Àquela que no-lo trouxe?”

“Apareceu sobre a terra para preparar a sua vinda; viveu à sua sombra, ao ponto de não a vermos no Evangelho senão como Mãe de Jesus, seguindo-o, velando por Ele; e quando Jesus nos deixa, Ela desaparece suavemente. Desaparece, mas fica na memória dos povos, porque lhe devemos Jesus...”

Como em outras ocasiões, Jesus dirige-se à multidão e fala-lhe dos mistérios do Reino de Deus. As pessoas que o rodeiam têm os olhos fixos n’Ele e guardam um profundo silêncio. De repente, uma mulher grita com toda a força: Bem-aventurado o ventre que te trouxe e os peitos que te amamentaram.

Começa a cumprir-se a profecia contida no Magnificat: Eis que todas as gerações me proclamam bem-aventurada. Com o desembaraço da gente do povo, uma mulher dá início àquilo que não terminará até ao fim do mundo. Essas palavras de Santa Maria, proferidas nos começos da sua vocação sob o impulso do Espírito Santo, teriam o seu total cumprimento através dos séculos: poetas, intelectuais, reis e guerreiros, artesãos, mães de família, homens e mulheres, gente



de idade madura e meninos que acabaram de aprender a falar; no campo, na cidade, no cume dos montes, nas fábricas e nos caminhos; no meio da dor ou da alegria, em momentos transcendentais (quantos milhões de cristãos não entregaram a sua alma a Deus olhando para uma imagem da Virgem ou recitando com os lábios ou apenas em pensamento o doce nome de Maria!), ou simplesmente no dobrar de uma esquina da qual se vislumbrava uma imagem de Nossa Senhora; em tantas e tão diversas situações, milhares de vozes, em línguas diversíssimas, cantaram os seus louvores à Mãe de Deus.

É um clamor ininterrupto por toda a terra, que atrai todos os dias a misericórdia de Deus sobre o mundo, e que não se explica senão por um expresso querer divino. “Desde remotíssimos tempos – recorda o Concílio Vaticano II – a Bem-aventurada Virgem Maria é venerada sob o título de Mãe de Deus, sob cuja proteção os fiéis se refugiam súplices em todos os seus perigos e necessidades”.

Todo o povo cristão soube sempre chegar a Deus através da sua Mãe. Com uma experiência constante das suas graças e favores, chamou-a Onipotência suplicante e encontrou n’Ela o atalho que o levava mais depressa para Deus. O amor inventou numerosas formas de tratá-la e honrá-la e a Igreja fomentou e abençoou constantemente essas devoções como caminho seguro para chegar até o Senhor, “porque Maria é sempre caminho que conduz a Cristo. Todo o encontro com Ela não pode deixar de terminar num encontro com o próprio Cristo. E o que significa o contínuo recurso a Maria senão procurar entre os seus braços, n’Ela, por Ela e com Ela, a Cristo, Nosso Salvador?”

II. O MÊS DE MAIO

Neste mês de maio, muitos bons cristãos cultivam especiais manifestações de piedade para com a Virgem Santa Maria, e essas práticas são para eles fonte de alegria em todos os dias do mês. Seguem de perto a recomendação do Concílio Vaticano II: “Todos os fiéis cristãos ofereçam insistentes súplicas à Mãe de Deus e Mãe dos

homens para que Ela, que com as suas preces assistiu às primícias da Igreja, também agora, exaltada no Céu sobre todos os bem-aventurados e anjos, na Comunhão de todos os Santos, interceda junto do seu Filho”⁶. E em outro lugar: “Dêem grande valor às práticas e aos exercícios de piedade para com a Virgem Maria recomendados pelo Magistério no decurso dos séculos”.

A devoção à Virgem no mês de Maio nasceu do amor, que sempre procurou novas formas de exprimir-se, e da reação contra os costumes pagãos que existiam em muitos lugares no “mês das flores”. Ao longo dos dias deste mês, os cristãos oferecem a Nossa Senhora especiais obséquios que os levam a estar mais perto d’Ela: romarias, visitas a alguma igreja a Ela dedicada, pequenos sacrifícios em sua honra, horas de estudo ou de trabalho bem acabado, mais atenção na recitação do terço... “Surge assim em nós, de forma espontânea e natural, o desejo de procurar a intimidade com a Mãe de Deus, que é também Mãe nossa; de conviver com Ela como se convive com uma pessoa viva, já que sobre Ela não triunfou a morte, antes está em corpo e alma junto de Deus Pai, junto de seu Filho, junto do Espírito Santo [...].

“Como se comporta um filho ou uma filha normal com a sua mãe? De mil maneiras, mas sempre com carinho e confiança. Com um carinho que em cada caso fluirá por condutos nascidos da própria vida, e que nunca são uma coisa fria, mas costumes íntimos de lar, pequenos detalhes diários que o filho precisa ter com sua mãe e de que a mãe sente falta se alguma vez o filho os esquece: um beijo ou uma carícia ao sair de casa ou ao voltar, uma pequena delicadeza, umas palavras expressivas...

“Em nossas relações com a nossa Mãe do Céu, existem também essas normas de piedade filial que são os moldes do nosso comportamento habitual com Ela. Muitos cristãos adotam o antigo costume do escapulário; ou adquirem o hábito de saudar – não são precisas palavras, basta o pensamento – as imagens de Maria que se encontram em todo o lar cristão ou adornam as ruas de tantas cidades; ou vivem essa maravilhosa oração que é o terço, em que a alma não



se cansa de dizer sempre as mesmas coisas, como não se cansam os namorados, e em que se aprende a reviver os momentos centrais da vida do Senhor; ou então acostumam-se a dedicar à Senhora um dia da semana – precisamente este em que agora estamos reunidos: o sábado –, oferecendo-lhe alguma pequena delicadeza e meditando mais especialmente na sua maternidade”.

Por Francisco Fernández-Carvajal

MARIA, MÃE E MESTRA

Olhar para Maria, contemplá-La, rezar-Lhe, aprender com Ela a viver, a rezar, a sofrer, a cantar os louvores de Deus, a inserir-se no plano redentor, é algo indispensável. Se Deus veio ao mundo através de Maria o mundo, e cada um de nós, irá a Deus através d’Ela. Por Maria a Jesus, por Maria a Deus, por Maria à Trindade. Caminho privilegiado para chegar a Deus e para que as graças de Deus cheguem até nós. Caminho que nos leva sempre ao porto seguro. E ainda por cima, a Mãe faz caminho conosco, é protetora, é companheira, é amparo seguro. É Medianeira de todos os dons e de todas as graças. Se Ela nos deu o Verbo encarnado, se Ela esteve junto à Cruz a oferecê-Lo e a oferecer-Se com Ele, só Ela nos pode ajudar neste caminho que chamamos de santidade, de radicalidade evangélica, de maior intensidade de amor. A Mãe cuida, vela, protege, ampara, ilumina caminhos, alcança graças e dons.

Criatura trinitária, ou seja, Filha dilecta de Deus Pai, Mãe de Deus Filho, Esposa de Deus Espírito, Maria tem um lugar, uma relação privilegiada e única com a Santíssima Trindade e a Trindade é a fonte de todo o amor e é a meta para a qual caminhamos. Maria tem uma missão particular neste processo divino de nos dar Deus e de nos ajudar a dar a Deus uno e trino. Missão única que Ela desempenha com maternal carinho, com solicitude de coração, com ousadia própria de Mãe e Mestre. Com Ela estamos bem, caminhamos seguros, alcançaremos o que precisamos. Com Maria, a Senhora da Santíssima Trindade, aprenderemos a ter com a Trindade uma comunhão mais

intensa, uma intimidade mais profunda, um amor mais universal. Com Maria somos conduzidos ao seio da Trindade para poder gozar, já nesta terra, a união mística, a comunhão mais plena e mais total com o amor trinitário. E a Mãe quer fazer caminho conosco, quer conduzir-nos à intimidade divina, quer ajudar a vencer obstáculos, quer conosco ser a vencedora do dragão enganador.

Parece que confiamos pouco na Senhora, na Mãe, na Medianeira... Parece que não nos lançamos no seu regaço e no seu Coração com total confiança... Parece que nos esquecemos que só Ela, só com Ela, nos podemos aproximar do Deus Santo, da vida trinitária... Parece que só Lhe rezamos nos momentos de aflição e de dor e nos esquecemos d’Ela ao longo do dia e dos dias... Parece que não somos filhos apaixonados pela Mãe, atenciosos e delicados com Ela... Parece que não nos consciencializamos do seu lugar no Evangelho e na história da salvação... Parece que não nos chega o muito que já fez por nós para nos metermos em seu Coração e para A meter no nosso... Falta-nos ousadia, confiança, amor, entrega, oração filial, consagração vivida... O resto é com Ela. E a Mãe fará milagres na nossa vida e na vida do mundo. Já fez tantos. Basta-nos abrir os olhos e o coração para ver as maravilhas de Maria, ou seja, aquelas que Deus fez n’Ela e aquelas maravilhas que Ela fez como instrumento providencial do amor de Deus.

P. Dário Pedroso, SJ

Quem de entre os homens é capaz de celebrar dignamente os louvores de Maria? Ela é mãe e virgem; oh realidade admirável, oh surpreendente maravilha!

Quem alguma vez ouviu dizer que o construtor fosse impedido de habitar no templo que ele próprio construiu?

Quem poderá considerar ignominia o facto de tomar a própria serva como sua mãe?

*(S. Cirilo de Alexandria,
Homilia proferida no Concílio de Éfeso)*





SANTO PADRE CRUZ **- Santo Cura d'Ars Português -**

1 — O santo mais popular e mais recente que conhecemos em terras lusas é o Padre Cruz, que ainda em vida granjeou fama de santidade. Nasceu uma semana antes do Santo Cura d'Ars, João Maria Vianney, ter morrido.

Há 66 anos passava por terras de Tabuaço, onde permaneceu durante alguns dias e mobilizou a população para verem ao vivo o fenómeno de que se falava em todo o país.

Neste Ano Sacerdotal, convocado por Bento XVI, por ocasião dos 150 anos da morte de São João Maria Vianney, a figura do nosso Santo Padre Cruz, cujos 150 anos do seu nascimento celebramos, é uma figura incontornável, mais uma estrela que propomos como exemplo de vida, como testemunha de fé, como desafio à nossa vivência cristã, e quem sabe se elevado às honras do altar ainda neste ano sacerdotal!

2 — Francisco Rodrigues da Cruz nasceu em Alcochete, atual Diocese de Setúbal, a 29 de julho de 1859 e morreu em Lisboa a 1 de outubro de 1948.

Foi ordenado sacerdote a 3 de julho de 1882. Desempenhou funções de diretor no Colégio dos órfãos e diretor espiritual no Seminário de São Vicente de Fora. Procurava viver como ensinava: «Confessar enquanto se apresentarem pecados, pregar enquanto houver ouvintes, e rezar até já não se poder mais».

A partir dos 35 anos, a fama de santidade nunca o largou. Muitas pessoas, das mais variadas categorias sociais, o consideravam como tal, bispos, sacerdotes, pessoas simples, pessoas cultas...

A sua figura era comum à de tantos portugueses: levemente corcovado, um sorriso de inocência sempre no seu rosto fatigado, um ar de recolhimento, como se perdido em Deus, desprendendo-se dos bens materiais para os dar aos mais necessitados que encontrava pelo caminho.

Andou por todo o país, em missões e tríduos de reflexão pelas aldeias e vilas do país. Era possível encontrá-lo nos comboios, nas ruas de Lisboa, nas Igrejas, nas cadeias, nos hospitais, aliviando penas, confortando misérias, dando coragem a uns, oferecendo certezas a outros, convidando à renovação cristã os desalentados.

Apóstolo da Caridade, em 1925, numa carta dirigida ao Cardeal Patriarca de Lisboa, na altura, D. António Mendes Belo, diz-nos da sua missão: “Há muitos anos que eu me sinto atraído, talvez por especial vocação da misericórdia de Deus Nosso Senhor, para ajudar espiritualmente os presos da cadeia, os doentes dos hospitais, os pobrezinhos e abandonados, a tantos pecadores e almas desamparadas



que Nosso Senhor me envia ou põe no meu caminho. Tenho também grande consolação em ajudar os Párocos nos exercícios de piedade e mais encargos do seu ministério, indo por toda a parte levar, na medida das minhas forças, os socorros da religião a muitas pessoas a quem não é fácil chegarem por outra via. Ora tudo isto tenho sido, isto queria continuar a ser, por me parecer que é mais de honra de Deus”.

Em 1940, aos 80 anos, tornou-se Jesuíta. Como refere a Agência Ecclesia “é já uma `sombra velhinha`: mas a essa sombra descansam novos, mais fatigados e envelhecidos de alma do que ele”.

Faleceu no primeiro dia de outubro de 1948. Em 1951, três anos depois da sua morte, iniciou-se o processo de beatificação e em 1965 foi entregue à Santa Sé.

3 — Que o seu testemunho ilumine a nossa adesão a Cristo e a nossa pertença à Igreja e nos mobilize a favor dos outros no Bem.

Pe. Manuel Gonçalves

Padre Cruz: O missionário de Portugal

«Há muitos anos que eu me sinto atraído, talvez por especial vocação da misericórdia de Deus Nosso Senhor, para ajudar espiritualmente os presos da cadeia, os doentes dos hospitais, os pobrezinhos e abandonados, a tantos pecadores e almas desamparadas que Nosso Senhor me envia ou põe no meu caminho. Tenho também grande consolação em ajudar os Párocos nos exercícios de piedade e mais encargos do seu ministério» (De uma carta escrita em 1925 pelo P. Cruz ao Cardeal Patriarca de Lisboa D. António Mendes Belo).

Servo de Deus P. Francisco Rodrigues da Cruz

A citação do texto acima explica (no que os caminhos de Deus têm de explicável) como, em 1913, a criança Lúcia de Jesus dos Santos pôde ser autorizada a fazer a primeira comunhão com apenas

seis anos: tinha sido preparada pelo Padre Cruz, que nessa ocasião ajudava no ministério das confissões, na igreja paroquial de Fátima (Memórias da Irmã Lúcia I). E traz também para o centro da análise o “ministério itinerante” desse sacerdote do Patriarcado, que no fim da vida ingressaria na Companhia de Jesus. Podemos sem exagero dizer que o P. Francisco Rodrigues da Cruz foi o missionário de Portugal na primeira metade do século XIX. Peregrinou sem descanso por todo o país, continental e atlântico, a pregar, a evangelizar, a abençoar, a rezar sem fadiga nem descanso. O múnus de que fora investido pela Igreja – absolver, aconselhar, pregar, celebrar, ensinar – exerceu-o preferencialmente junto dos humildes e dos mal-amados, nas prisões, nos hospitais, nos asilos de velhos, nos comboios, nas ruas, pelas cidades e pelos campos. Tinha como modelo, mesmo antes de entrar na Companhia de Jesus, S. Francisco Xavier, a quem atribuía todas as graças e conversões. Falando à União Apostólica do Clero declarou, um dia: “A nossa missão é esta: confessar enquanto houver pecadores ao pé do confessionário; pregar enquanto houver ouvintes no templo; e rezar até já não poder mais”. Não pretendia o padre santo, como lhe chamavam, propor-se como exemplo, mas o seu exemplo autorizava-lhe as palavras porque cumpria integralmente o que dizia. Nascido (em Alcochete) em 1859 e ordenado padre em 1882 tinha vinte e oito anos de padre e cinquenta e um de idade quando foi implantada a República. Nunca abandonou o traje eclesiástico que o tornou reconhecido em toda a parte, foi preso e interrogado por Afonso Costa, Ministro da Justiça da República, que o libertou e o autorizou a ser o padre que já era em todas as circunstâncias e situações. Formado em Teologia por Coimbra, professor de Filosofia no Seminário de Santarém, Director dum colégio em Braga e director espiritual no Seminário de S. Vicente de Fora o P. Cruz foi um filho simples para Deus, um irmão simples para os outros, um sacerdote cristalino por onde passavam os gestos da misericórdia, do perdão e do amor de Deus revelados no Coração de Jesus Cristo, uma devoção que lhe era querida. Foi amigo dos Pastorinhos de Fátima e rezava com eles o terço. Em 1940 obteve licença para emitir os votos como religioso



jesuíta, um selo de pertença à milícia de Cristo que ambicionava desde jovem. Morreu em 1946. O seu processo de beatificação, iniciado em 1951, foi entregue em Roma em 1965.

Deus era tudo...

Para o *Santo* Padre Cruz, Deus era tudo na vida e o único caminho para a verdadeira felicidade! “Nada contra Deus, nada sem Deus, tudo por Deus” era o lema da sua vida.

O Padre Cruz, sacerdote católico exemplar, consumiu a sua vida no serviço à Igreja, no amor a Jesus presente na Eucaristia e no amor filial a Maria, Nossa Senhora e nossa Mãe.

Muitos são tentados por supostas “verdades” e supostos “caminhos” que apenas nos afastam de Deus, do Deus amor, que tanto o Padre Cruz amou e serviu.

Jesus diz-nos: “Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu entendimento” (Mt 22, 35). Neste sentido, todas as pessoas que ao invés de crer no poder e na bênção de Deus aderirem a “práticas esotéricas, mágicas ou ocultas, incluindo a adivinhação e o espiritismo” incorrem contra este belo mandamento.

As bruxarias, esoterismos, adivinhações, espiritismos, etc... são práticas ilusórias que parecem captar Deus, trazendo soluções tentadoras e fáceis à vida, mas que não têm qualquer fundamento ou verdade. A pessoa é iludida e enganada com “belas” promessas através de realidades desfocadas de um mundo falacioso e de mentira. O principal interesse não é servir a Deus ou sequer amá-lo, mas servir quem cria estas artimanhas e trapacices muitas vezes em nome de Jesus, Maria e de grandes santos como o nosso Padre Cruz.

Basta conhecermos minimamente a vida do nosso amado «santo» Padre Cruz para percebermos que ele não nos leva para esses caminhos nem é conivente com tais práticas.

Cuidado com os lobos mascarados de ovelhas! Que o «santo» Padre Cruz nos ajude a distinguir a Verdade da mentira e nos proteja dos falsos caminhos e falsos profetas. Que com a sua vida santa e humilde nos mostre o verdadeiro caminho de profunda comunhão com Deus, através da Eucaristia; do amor a Maria, a quem devemos toda a veneração; pela confissão, o regresso ao amor pleno de Deus; pela comunhão com a Igreja e com o Papa, a certeza do caminho correto que nos guia de forma consistente e verdadeira desde os apóstolos, desde Jesus.

“Meu bom Jesus, só quero o que Vos agrada, me leva ao Céu, torna digno da Comunhão e consola o Divino Espírito Santo; e nunca quero o que Vos desagrade, me priva do Céu, torna menos digno da Sagrada Comunhão e desgosta o Divino Espírito Santo.” «Santo» Padre Cruz.

Padre Cruz, rogai por nós!

Os pagãos não creem absolutamente nada no que dizemos, porque eles querem reconhecer a verdade da nossa religião não pelas nossas palavras mas pelas nossas ações e pela conduta da nossa vida. Quando nos veem ocupados a construir casas magníficas, a embelezar os nossos jardins, a fazer banhos deliciosos e a comprar grandes terrenos, eles não podem acreditar que nos consideramos nesta vida como estrangeiros que se preparam a deixar a terra para ir viver em outro lugar.

(S. João Crisóstomo, *Homilias*)





TRÊS CRIANÇAS JUNTO DO PÚLPITO [PADRE CRUZ E OS PASTORINHOS]

À sombra pesada das azinheiras que protegem a água escondida do verão impiedoso, três crianças aguardam, sentadas atrás de um monte de pedras.

Há algum tempo que teem o costume de aqui vir procurar paz e sossego, cujo valor ignoravam na altura. Ao abrigo destes seixos empilhados e da sombra das árvores, é fácil para eles esquivarem-se e esconderem-se da curiosidade de que vem assediá-los. Mas, irá apresentar-se alguém a quem será preciso responder.

O rapazinho está pensativo, a mais jovem das duas raparigas balança ao sabor do vento, como a erva, não consegue estar imóvel e a espera parece-lhe longa, ela vira, ela dança... A mais velha, pelo contrário, fecha-se sobre si mesma, dobrada, o seu rosto húmido com lágrimas.

Um padre desconhecido vem interrogá-los. Quando surge à distância, pensam em procurar um meio de fuga, mas isso é impossível, pois a pessoa que os vem interrogar e que irá sem dúvida subjugar-los e fazê-los contradizerem-se, consegue adivinhar coisas e ler os corações das pessoas.

Alguém lhes disse ameaçadoramente que «Ele vai descobrir as vossas mentiras». Jacinta, a mais nova dos três, não estava assustada: «Quando é que chega, o padre que adivinha coisas? Se ele o consegue fazer, saberá muito bem que não dizemos mentiras».

Lúcia gostaria de estar convencida disso, mas não se atreve a ter esperança. A sua própria mãe, as suas irmãs, os vizinhos, todos a condenaram, insultaram e até a agrediram. O pároco, suspeitando que ela tinha inventado a história do princípio ao fim, tinha falado de um demónio.

Jacinta protestou: «Não, não pode ser um demónio, os demónios são o mal e vivem debaixo de terra»!

Lúcia acha que o argumento é insuficiente. Mas, e se tudo não passou de um sonho? Se a Senhora de Luz, na azinheira, não passou de uma ilusão, uma partida da luz do sol como alguns afirmaram? Não, não tinha sonhado... mas, a não ser que haja um milagre, ninguém irá acreditar.

Ah, se a Jacinta tivesse guardado o seu segredo como tinha feito o ano passado, após a visita do jovem homem radiante. Aconteceu na «loca», o pequeno círculo de rochas no Cabeço, onde gostavam de ficar, junto do tanque de água, com as suas ovelhas. «Sou o Anjo da Guarda de Portugal» tinha dito. No outono tinha dado a Hóstia à Lúcia e ao Francisco e à Jacinta, gotas do cálice. Esta alegria inexprimível, tinham-na guardado nos seus corações, mas quando a Senhora veio, ficaram exultantes e o segredo brotou sem pensar dos lábios da mais



nova. Em casa foram indulgentes, Ti Manuel, o pai, apoiou Francisco e sua irmã, Jacinta, mas para Lúcia começou um período de angústia que aumentou de dia para dia.

O sol bate com intensidade na terra vermelha, que parece estar queimada, sobre as escassas árvores, a cal branca das casas baixas, o pó dos caminhos. Dois estranhos aproximam-se, um curvado numa mula e o outro montado num jumento tão pequeno que os seus pés quase que tocam no chão.

São dois, qual será «o que adivinha»? Lúcia, subitamente, fica com o coração menos apertado, reconheceu a pessoa que desce, toda curvada, do jumento. Quatro anos antes também ela chorava, completamente desamparada, na igreja de Vila Nova de Ourém. Então, que sabia bem o catecismo, que amava tanto a Jesus, o Pároco tinha-a afastado da Primeira Comunhão. Apenas seis anos, poderia ela ser admitida? O Padre que pregava às crianças tinha tido pena das suas lágrimas e, tendo-a interrogado, conseguira que o padre repensasse a sua decisão. No confissãoário, Lúcia retivera as suas palavras: “Tu és o templo do Espírito Santo. Sê fiel a Deus porque tu és uma alma protegida por Ele. Guarda a tua alma sempre pura...”.

De seguida, como Lúcia implorasse a Nossa Senhora do Rosário: “Ajude-me a guardar o meu pequeno coração para Deus”, pareceu-lhe ver a estátua ganhar vida, olhá-la afetuosamente, e sorrir-lhe...

Se o bom Padre Cruz não a esqueceu, verá que ela não mente. Mas, quando a sua própria mãe se recusa a acreditar nela, poderá realmente esperar isso?

Os viajantes sentam-se numa pedra sob uma figueira. Aguardam. Não adianta nada fugir e, resignadas, as crianças saem da sombra.

Avançam, o rapaz, calado por timidez, a rapariga mais nova, confiante e já disposta a retribuir os sorrisos, a terceira, que ao início parece sombria, mas cujos olhos revelam depois todo o sofrimento de uma criatura perseguida.

- São as crianças que viram Nossa Senhora sob a azinheira? Querem levar-me a esse sítio?

Não coloca nenhuma questão, recomenda apenas às crianças amar

ao bom Deus e à Virgem Santíssima. Lúcia, que sabe o quanto ama Jesus e Maria, está tranquila. A esta hora quente, não se vê ninguém no caminho nem pelos campos, é o momento em que as ovelhas se juntam, procurando a pouca sombra das oliveiras ou dos eucaliptos, a proximidade dos tanques de água. O padre pensa. Cova da Iria... Persiste, mas tão longínquo, tão esbatido pelos anos, a lembrança de Irene, uma mártir da pureza, venerada em Tomar e Santarém. Seria possível que a Virgem Santíssima tivesse escolhido esta terra tão pobre e abandonada, em 1917, onde a Guerra Mundial parece nunca mais terminar?

Tranquilos, os pastorinhos falam. Lúcia reconforta-se com aquele sorriso paternal onde adivinha: “Reconheci-te, menina que tanto desejava receber Jesus, tu pertences-Lhe, Ele te protegerá.” Esquecendo-se do outro padre, que apenas acompanha o Padre Cruz, mostram “a casa” que iam construir com pedras quando viram o relâmpago que surgiu e, sob a folhagem, uma Senhora luminosa, tão bela e doce...

Tentam descrever o véu branco que a envolvia, por onde deslizavam raios de sol. O Padre Cruz escuta-os com toda a sua alma, brancura e luz devem revestir Aquela que é “cheia de graça”. Quando morreu, no seu castelo em Estremoz, Isabel, a “Rainha Santa” que chamamos de Isabel de Portugal, dizia: “Trazei um banco para esta Senhora radiosa que se aproxima de vestido branco...”.

Pois reconhece a visitante: “Maria, *mater gratiae!*”

A Virgem amava este reino, tinha curado uma pastora em Notre-Dame de l’Ortega, e coberto de folhas, próximo de Guimarães, a ferramenta de um lavrador. Segundo a lenda, Wamba foi coroado Rei de Toledo em honra de Maria, D. Afonso Henriques mandou construir Alcobaça, a mais bela das igrejas cistercienses, de acordo com planos de São Bernardo. D. João I mandou construir Nossa Senhora das Vitórias na Batalha e, seguindo o exemplo de Luís XIII de França, D. João IV dedicou o seu reino à Virgem em 1646, mas em vez da festa da Assunção, escolheu a festa de Nossa Senhora da Conceição, que em Portugal já se acreditava ser “Imaculada”.



Nesta altura o Rosário, em Lisboa, era recitado em público. O Padre Cruz disse a si mesmo que Maria é sempre a Mãe da Graça Divina e que se o desejasse, podia alterar tudo. O país, devastado moralmente, tal como o lugar cheio de pedras onde as ovelhas e as cabras cortavam a magra relva até à raiz, renasceria sob águas revoltas.

Antes da azinheira, com as crianças, o padre recita o rosário. Sentindo que as crianças estão ainda ansiosas, pelo menos Lúcia e Francisco, disse-lhes: “Fiquem descansados, não tenham medo, não foi um diabo que vos apareceu, mas sim a Virgem Santíssima.” E o seu sorriso é tranquilizador, pois com estas palavras o rosto de Lúcia ilumina-se, Francisco sorri timidamente mas Jacinta não faz qualquer esforço para refrear o seu entusiasmo. “É um velhico bondoso, é o que vosmecê é!” O padre ri com vontade; gosta que lhe chamem de “velhico”, nunca solene, mas indulgente, como um avô.

“Permaneçam as boas crianças que são meus pequenos, afastem-se das más companhias, recitem muitas vezes esta oração: “Oh meu Jesus, eu Vos amo... Doce Coração de Maria, sede a minha salvação”. “Que lindo” diz Jacinta.

Ela repete as palavras e irá cantá-las enquanto guarda o rebanho, com uma cantiga inventada por ela, do mesmo modo que diria um refrão popular:

“Pastor do rebanho branco
Não colhas o rosmaninho
Pois é onde a Virgem Maria
Estende as suas roupas para secar.”

Laurand, Luce (1972), “Trois enfants auprès du puits” in *Le Père Francisco da Cruz, Vagabond de la Charité*, (Trad.), Braga, Livraria Cruz, 9-16



AVISO

Morada para onde deve ser enviada
toda a correspondência
relacionada com a
Causa de Canonização
do Padre Cruz :
Apartado 2661
1117-001 LISBOA





Agradecem as graças alcançadas por intercessão do *Santo Padre Cruz* e, em sinal de gratidão, contribuíram para a Causa de Canonização do Servo de Deus.

Venho por este meio agradecer a proteção que me tem sido concedida e à minha família através de intercessão do *Santinho* Padre Cruz junto de Deus nosso Pai.

Mariana (Estarreja);

Venho agradecer novamente ao Padre Cruz todas as graças concedidas. Atende-me em todos os pedidos e tem-me ajudado a mim e à minha família.

Agradeço ao *Santo Padre Cruz* por tudo o que me tem ajudado, ouvindo todas as minhas preces. Muito obrigada.

Margarida Derouen (Cocoa, EUA);

Venho agradecer ao bondoso Padre Cruz as várias graças que me tem concedido por intermédio do nosso bom Jesus, em especial quando os meus 4 netos, junto com um grande grupo de amigos, foram a Marrocos num passeio de motos durante 12 dias. Chegaram todos bem e sem nenhum problema.

Muito obrigada *Santo Padre Cruz* por mais esta graça.

Maria de Lourdes Coelho (Lisboa);

A minha carta é para agradecer ao meu amigo e *Santo Padre Cruz*, de quem sou devota. Sempre nas minhas aflições é por ele que chamo.

Desta vez foi um caso triste, numa operação que fiz, descobriram que tinha cancro. Foi em março e daí para cá foi só desgostos. Este mês os médicos disseram que estava curada, que já não havia sinais de nada. Como Jesus é bom.

Herminia T. Cotta (New Bedford, EUA)

Quero agradecer todas as graças que o meu querido *Santo Padre Cruz* me tem concedido, a mim e a toda a minha família, ao longo de toda a minha vida. Sou uma grande devota desde os meus 6 anos de idade.

Elizabeth Silva (Matawan, EUA);

Um as breves palavras para agradecer as muitas graças que o *Santo Padre Cruz* me tem concedido. Ainda ontem e nestes últimos dias, estava aflita com um grande problema e o nosso *Santo Padre Cruz* está-me a ajudar.

Por isso, eu só tenho a agradecer as muitas graças recebidas.

Obrigada Padre Cruz.

Maria Lopes (Coimbra);

Obrigado, meu Deus por teres posto no meu caminho o *Santo Padre Cruz* a quem peço a sua intercessão junto do Senhor, de Jesus e sempre sou atendida. São tantas as graças que tenho recebido que não me canso de dizer.

Obrigado, meu Deus, obrigado Padre Cruz.

Bertila Mendes Guerreiro (Quarteira);

Agradeço uma graça. O meu filho bebia muito e fumava também. Eu, triste por ele e vendo que as pessoas que já falavam dele, comecei a rezar a oração do Senhor Padre Cruz. Agora começo a notar que ele já não bebe muito e peço a Deus para ele não fumar, não presta para todos, mas às vezes não querem ouvir.

Mais uma vez agradeço tudo meu bom *Santo P. Cruz*.

Guida Jesus (Florissant, EUA).





DERAM ESMOLA

e

AGRADECEM GRAÇAS

Maria Teresa Rocha (Figueira de Castelo Rodrigo); Hermínia T. Cotta (New Bedford, EUA); António Xavier Forte (Escudeiros); Maria Luísa Almeida (Coimbra); Maria Rosário Jesus (Amadora); Luísa Margarida Maças Sousa (Lisboa); Engrácia de Jesus Ribeiro (Braga); Maria Arménia Rodrigues Oliveira Agria (Coimbra); Maria Amélia Santos Moreira (Cascais); Abílio José da Assunção (Avelar); Adelaide da Silva Gonçalves (Portimão); Maria Alice Perpétua Mendes Cunha (Ansião); Maria José Ribeiro Antunes Gardete Mendes (Castelo Branco); Marília dos Santos Nunes (Porto); Maria Amélia Martins Pacheco (Lisboa); Maria Lurdes Martins (Lovelhe); Maria Guilhermina S. Cardoso (Cova da Piedade); José Pires Baltazar (Carnaxide); Maria Augusta Dias (Camarate); Maria do Céu Morales Azevedo Rosa (Parede); Margarida Malvina A. Araújo (Capelas, Açores); Maria Madalena Carmo Carochinho (Lisboa); Maria Leonor Pinto (Óbidos); Maria Helena Cruz Rodrigues (Alpedrinha); Maria Irene Santos Alves (Figueira da Foz); Maria Amélia Carvalho (Porto); Maria Antónia Rodrigues (Bragança); Maria Helena Parreira Passão (Monte de Caparica); Maria Júlia Nunes Freire Godinho (Avelar); Almerinda Martins Gonçalves (Aguada de Cima);

Arminda da Conceição Tomaz Silva (Sintra); Dulce da Conceição Ferreira (Póvoa de Varzim); Judite da Silva Costa (São João da Madeira); Maria Isabel Apolinário (Cuba); Maria Piedade Lopes Silva Rocha (Vila Nova de Gaia); Fernanda Aguiar (Longueuil, Canadá); Alfredo José Ferreira da Costa (Oliveira de Azeméis); Maria Vitória Ribeiro (Almeirim); Emília Alves Correia Campos; Fernanda de Oliveira Bento Valverde (Leiria); João Batista de Carvalho (Santo Tirso); José Dias de Pinho (Porto); Maria Fernanda Ferreira Calado (Avelar); Isabel Barão Alves (Almada); Manuel Pereira (Mangualde); Rosa Maria Valinhas (Lousada); Anna R. Young (Cranston, EUA); Gizélia Cabral (Providence, EUA); Maria Jesus Toste (Riverdale, EUA); Maria A. Lopes (Coimbra); Maria Azevedo da Silva (Porto); Maria Fátima Pinto Cerqueira Gomes (Vila Nova de Muía); Natércia da Conceição Lourenço Rilhado (Lamego); Maria João Abreu (Coimbra); Bertila Mendes Guerreiro Rodrigues (Quarteira); Elvira Costa Dias (Avanca); Luís Manuel Roque Fidalgo Alegria (Abrantes); Manuela Alice Oliveira Estrela (Sardoal); Maria Alice Oliveira Matos (Porto); Maria Margarida da Conceição F. Joaquim (Rio de Mouro); Maria Silva Vieira Antunes (Braga); Guida Jesus (Florissant, EUA); Adriana Calisto (Mississauga, Canadá); Maria Leonor Gomes (Lisboa); Idalina Sá Ruivo (Amadora); Rafael Morão (Covilhã); Júlia Ramos (Amadora); Abílio Oliveira (Lisboa); Olívia Machado (Guimarães); Maria Olímpia Dionísio Evaristo (Villefranche Sur Saone, França); Mariana Colunas (Vila Viçosa); Maria Alina Ramos dos Santos Garcia (Porto); Ângela Maria Freitas Cota (Santa Bárbara, Açores); João Oliveira Maia (Guimarães); Maria Leonor Santos (Torres Vedras); Maria Antónia Alves Teixeira (Lousada); Graciete Glória Ribeiro Nascimento (Chaves); Eunice Costa (Colares); Maria José Ribeiro Segarra (Algés); Ilda Paiva Loureiro (Amadora); Fernanda Maria Saraiva G. Alves (Lisboa); Maria Noémia Caldeira Monteiro (Sacavém); Maria Madalena Veiga Antão



(Lisboa); Maria Antónia Carola Correia (Lisboa); Belmira Maria Figueiredo Dias (Sertã); João Cruz Azenha Galvão (Anobra); Clara Dias da Silva (Porto); Maria Inês M. Matos (Barcelos); Maria Idalina da Graça Raimundo (Leiria); Maria Luísa da Conceição Antunes Teixeira Coutinho (Coimbra); Rosa Martins Rodrigues Almeida (Estarreja); Maria Florisa Castro (Fafe); Maria Manuela Basto Sousa Lobo Araújo (Guimarães); Ana Rosa Ferreira de Sá (Vila Nova de Gaia); Felicidade do Rosário Mouro Tavares Sequeiro (São Salvador de Aramenha); Gabriela da Silva Faria (Carapinheira); Lucília Cartaxeiro Garrido (Vale do Paraíso); Teresa Martins Antunes (Retaxo); Maria Lourdes Moniz (La Mesa, EUA); Elza Sousa (New Bedford, EUA); Maria Olívia Ferreira Jesus Azevedo (Oliveira de Azeméis); Maria José Gomes Abrunhosa (Porto); Maria Georgete Castanheira (Lisboa); Teresinha Pinto Figueira, Alice Virgínia de Abreu, João Sidónio Figueira e Ana Maria Figueira Fernandes (Estreito de Câmara de Lobos, Madeira); Maria Luísa Pinto Correia (Funchal, Madeira); Maria Margarida Queirós (Viana do Castelo); Carlos Augusto Alves (Senhora da Hora); Ester dos Santos Monteiro Macedo (Coimbra); Maria da Conceição Madureira (Marco de Canaveses); Eva Maria da Silva Batista (Leiria); Lúcia Fátima Gonçalves Leonardo Toste (Angra do Heroísmo, Açores); Lucrecia de Jesus Gago Sousa (São Brás de Alportel); Maria da Conceição Rocha (Angra do Heroísmo, Açores); Maria José Gomes Abrunhosa (Porto); Maria Luísa Ribeiro Lima Mendes (Porto); Maria Boyle (Londres, Grã-Bretanha); Isabel Conceição Silva Ruela (Lisboa); Elisa Santos Candeias (Algés); Emilia Caetano (Lisboa); Alda Pereira Narciso (Almada); Maria Judite Cruz Cabecinha (Paço de Arcos); Luís Mendonça (Buraca); Camila Eva Vieira (Lisboa); Pureza Nascimento Fragueiro (Macedo de Cavaleiros); Maria Manuela Gonçalves Ormonde (Angra do Heroísmo, Açores); Ana dos Santos Palhares Traça (Lisboa); António Martins da Cruz (Paços da Serra).



Que é preciso para a Canonização do Padre Cruz?

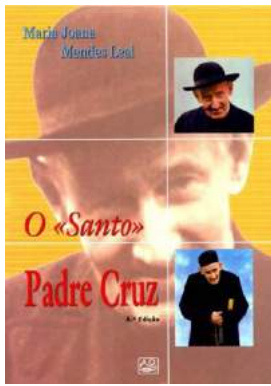
A resposta é simples: que a Igreja, pelo seu Chefe Supremo, o Vigário de Cristo, dê o seu veredito. Mas a Igreja não procede, nesta matéria, de ânimo leve. Por isso tem de ter a certeza de o servo de Deus ter praticado todas as virtudes em grau extraordinário.

Exige também um sinal do céu: o milagre, obtido por intercessão do Padre Cruz. exige até dois. O milagre é um facto religioso, isto é, supõe a oração ou intercessão de um justo unido intimamente a Deus; sensível, ou seja certificável pelos sentidos, e inexplicável pelas forças da natureza. Não basta alguém declarar simplesmente que houve milagre, será preciso prová-lo. E isso faz-se com todo o rigor, por meio de um processo.

Constituído um tribunal pela autoridade da Igreja, são ouvidas as testemunhas e o «miraculado» deve ser minuciosamente examinado por um ou mais peritos, para saber se acura foi real e perfeita ou não.

DATAS PRINCIPAIS DA VIDA DO PADRE CRUZ E DO SEU PROCESSO DE CANONIZAÇÃO

Nascimento:	29-7-1859	Entrada na Companhia de Jesus:	3-12-1940
Estudos Secundários em Lisboa:	1868-1875	Madeira e Açores:	1942
Universidade de Coimbra:	1875-1880	Morte em Lisboa:	1-10-1948
Ordenação Sacerdotal:	3-6-1882	Processo de Beatificação em Lisboa:	10-3-1951 a 26-6-1965
Diretor do Colégio dos Orfãos - Braga:	1886-1894	Entregue à Santa Sé:	17-9-1965
Diretor Espiritual em S. Vicente de Fora:	1896-1903	Aprovação dos Escritos e Declarado Venerável:	30-12-1971



O SANTO PADRE CRUZ

Maria Joana Mendes Leal

A vida do *Santo* Padre Cruz, obscura e gloriosa, apagada e empolgante, é dos testemunhos mais eloquentes dos nossos dias...

8ª edição: 11€.

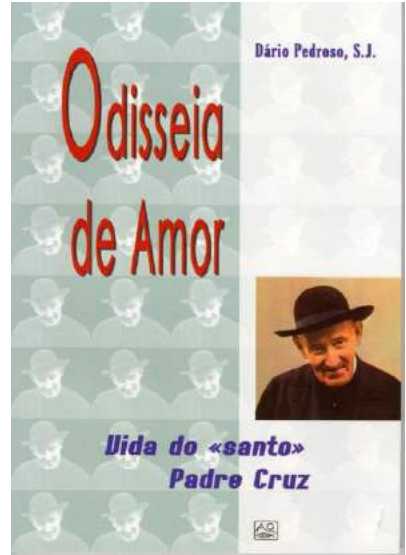
ODISSEIA DE AMOR - Vida do "santo" Padre Cruz

Dário Pedroso, S. J.

Mais uma biografia do Padre Cruz? Sim e não. Sim, porque se trata de apresentar os momentos mais significativos da vida deste sacerdote exemplar, a quem o povo há muito «canonizou». Não, porque o Autor escolheu uma aproximação deveras original: colocando o P. Cruz a falar com um jovem interlocutor imaginário, faz desta narrativa biográfica quase uma “autobiografia”, na qual tudo resulta da «odisseia» do amor de Deus na vida do Padre Cruz.

São páginas repletas de simplicidade e confiança em Deus, bem ao jeito do biografado.

1ª edição: 7€.



GRAÇAS DO PADRE CRUZ S. J. REVISTA TRIMESTRAL

Proprietário: Província Portuguesa da Companhia de Jesus
Estrada da Torre, 26 1750-296 Lisboa

Diretor: P. António Reis S.J.
Sede da Redação: Rua da Madalena, 179 R/C
Apartado 2661
1117-001 LISBOA

Telef.: 218 860 921
Site: <http://www.padrecruz.org>
e-mail: causapadrecruz@padrecruz.org

Impressão e acabamento: Gráfica Almondina - Torres Novas - Tiragem: 2.000 exemplares
Registo: I.C.S. 102106 - Depósito Legal: 17.244188

Pedidos: Na sua Livraria ou na Editorial A. O. - Largo das Teresinhas, nº5, 4714-504 BRAGA.
Deve enviar com o seu pedido, cheque ou vale postal.